

OCCIDENTE

REVISTA ILLUSTRADA DE PORTUGAL E DO EXTRANGEIRO
 Editor e Director-proprietario: CAETANO ALBERTO DA SILVA

Preços de assignatura	Anno 36 n.º	Semest. 18 n.º	Trim. 6 n.º	N.º à entrega	36.º Anno — XXXV Volume — N.º 1221	Redacção — Atelier de gravura — Administração Lisboa, L. do Poço Novo, entrada pela T. do Convento de Jesus, 4 Composto e impresso na Typ. do Annuario Commercial Praça dos Restauradores, 27
Portugal (franco de porte) m. forte...	3\$800	1\$900	6950	120	30 de Novembro de 1912	Todos os pedidos de assignaturas deverão ser acompanhados do seu importe e dirigidos á administração da Empresa do Occidente, sem o que não serão attendidos.
Possessões ultramarinas (idem)	4\$000	2\$000	6950	120		
Extrangeiro e India.....	5\$000	2\$500	6950	120		

CRONICA OCCIDENTAL

Inda não era seu directôr, o eminente critico de arte, José de Figueiredo — tivera eu ocasião, ha anos, de visitar, o Museu das Janelas Verdes.

Ocupações e preocupações cotidianas me tinham desviado sempre, desde então, para bem longe, e assim continuaria impellido e absorvido no ramerão esterilizante da vida, se um meu amigo, de sensibilidade finamente vibrátil e conscienciosidade artistica escrupulosa, me não tivesse culpado, e verberado com as disciplinas da sua cólera justissima. E eu prometi penitenciar-me...

Mas nenhuma penitencia foi para mim ainda incendiada dum tão fervoroso e exaltante êxtase de arte!

Os meus olhos foram sêres de alma que surgiram das raizes encantadas de mim mesmo e se incendiaram na sarça divina e feiticeros enfeitiçados evocaram vultos falantes na penumbra misteriosa e recolhida dos sonhos. Esboçou-se no espaço um gesto cabalístico e a minha Alma acordou e saiu em desvaio pelas janelas abertas duma visualidade deslumbrada e nem eu dei conta dela, nem ela de mim...

Recolhida a alma, curvou-se sobre si-mesma e olhou em si e em redôr e investigou com meticulosidade das causas da sua fascinação...

As salas do Museu de Arte Antiga, que pude visitar, são forradas dum carmesim acariciante. Cóa-se do tecto uma luz de tonalidade suavissima, cuidadosamente graduada. Abre-se ao nosso olhar um ambiente magico de evocação e silencio. As taboas e telas expostas erguem-se a uma altura conveniente e em uma ordem de proporção rigorosamente estudada. A penumbra envolve-nos em uma aureóla de religiosidade e infunde-nos na imaginação o amor sagrado por aquelas mortes vivas que nos sorriem e segredam numa voz longinqua de séculos...

Os olhos passeiam por aqui e ali num encantamento, divagam pelos quadros dos Mestres, e numa avidês gulosa de estranho, pregam-se na teia enredante dos tapetes da Persia que se estendem ao de cima dos portaes. Panos de Arrás, tapetes da Persia e Arraiolos...

E é tão finamente doce a caricia envolvente

do seu tecido que dir-se-ia uma névoa de carinho amante que nos envolvesse e eu compreendo bem a palavra elegantemente expressiva dum meu amigo — desse bruxo-principe da conversação: — «Ali, ante aqueles panos de maravilha, os olhos não vêem. Apalpam!»

Feita a minha peregrinação sentimental pelas salas do Museu, nasceu, desenvolveu-se e exacerbou-se no meu cérebro uma irrequieta e faminta curiosidade de conhecer o mais consciencioso e atilado critico de arte português, José de Figueiredo e de saber pela sua voz o seu plano estetico, a orientação artistica e scientifica do seu criterio, a sua opinião sobre arte portuguesa, as contrariedades e obstaculos que pacientemente venceu, nos seus trabalhos de reorganização.

E tudo isto — digo-o em segredo — sem querer travestir pelo figurino oficial de jornalista encartado...

Fidalgamente obsequiador e sabiamente modesto, ofereceu-se-me esse grande artista que é Luciano Freire, para realizar os meus reiterados propositos. Eu admirava já muito e ha muito tempo Luciano Freire. O Occidente já teve a honra e o prazer de se referir, por varias vezes, aos seus belos quadros e orgulha-se justamente de ter apresentado os presados assignantes, em fes-

tas carinhosas do Natal, numa nitida gravura, com uma das suas telas mais delicadas e perfectas.

E' o *Perfume dos Campos* — decerto claramente se recordam os nossos leitores.

A concepção é de Poeta.

A execução é de Mestre.

Estendem-se, a perderem-se de vista vagamente, campos vastos...

Sente-se o arfar tranquilo do silencio.

Flôres erguem-se do chão como névoas fluidas e ostentam sonhadóramente as frentes — e dos seus corpos terrenos crucificados na agonia de não poderem vôar, as almas ascendem no espaço e envolvem-nos no encanto duma harmonia suavissima e esfumam-se ao longe, ao alto, numa forma de mulher divinamente formosa...

Mas só aprendi a aquilatar o mérito altissimo de Luciano Freire, depois de lêr o precioso livro de José de Figueiredo — *O Pintor Nuno Gonçalves* — e examinar os paineis restaurados deste glorioso Mestre do seculo xv.

Ao examinal-os, eu, quasi, me prostrei de rôjo em adoração, como os cavaleiros, frades e pescadores ante a sagrada mocidade de S. Vicente.

Desde então, meus olhos caem rendidos de respeito ao encarar a personalidade artistica de

Luciano Freire — beneditino e ardente — que sacrifica saúde e comodidades, não já pela sua arte, mas pela Arte Suprema do seu paiz.

Na verdade, o restaurador dos quadros de Nuno Gonçalves, é impecavel.

E eu que enlevado visitei o atelier de Luciano Freire, posso bem afirmar que dominadora e impecavel continua a ser a mão que presentemente restaura dois quadros de Sanches Coelho, *D. João III* e sua *Esposa* e uma taboa magnifica de Christóvam de Figueiredo — taboa em que se divisa uma admiravel fisionomia de *magister* — e um outro quadro representando *D. Catharina*, que José de Figueiredo atribue ainda apreensivamente á paleta de Jorge Affonso.

Foi, pois, por intermedio de Luciano Freire, que eu experimentei o altissimo prazer de falar com José de Figueiredo — e no decorrer de animada conversação eu confirmei bem de mim para mim quam profundo era o saber tecnico e incontestavel, a competencia e inquebrantavel a vontade que o animava. José de Figueiredo tem amor ardentissimo á missão que se impôs, e não poupa canseiras e calca desdenhoso contra-



DR. JOSÉ DE FIGUEIREDO, DIRECTOR DO MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA

riedades para realizar propositos que já fazem parte intergante e inalienavel da sua vida-anímica, de bem servir a Arte pura do seu paiz.

A despensas proprias viaja por aqui e ali, Espanha, França, Alemanha, Austria, Holanda, Belgica, etc. e de lá traz impressões, observações e processos e de onde a onde algo de mais bela e palpavel realidade artistica como por exemplo um belo quadro de Bayeux.

Recebeu-me gentilmente o notavel critico numa sala do Museu de Arte Antiga e feitos breves cumprimentos entrámos em assunto que me interessava. E eu comecei:

— Visitei, ha dias, este Museu e V. Ex.^a sabe muito bem a finissima emoção que uma sensibilidade vibrante e uma sensibilidade exigente de homem de arte deveria sentir...

Peregrinação de sonho, jornada de visionações, viagem pela penumbra de feiticeiro evocador e enfeitado...

As grandes telas religiosas de entrada exaltam a alma num extase ascendente de maravilha. E todos os quadros e corpos de estatuas e objetos artisticos e decorativos vém a nós numa sedução cingente. Sempre e sempre. Mas desta vez notei que a minha emoção é mais regular e consoladora. Uma impressão geral de conjunto resalta duma ordenação e metodisação mais rigorosa e mais artisticamente exaltante. Dantes, os quadros amontoavam-se, esmagavam-se em caos que irritava a sensibilidade e não satisfazia a intelligencia. V. Ex.^a seguiu outro criterio...

Eis tudo quanto eu disse e a alta intelligencia de José de Figueiredo esclareceu-me.

— Sim — respondeu o intelligente critico de arte portugueza — sim, eu segui outro criterio. Em geral, são dois os criterios seguidos nas exposições de arte. Criterio scientifico e criterio artistico.

Falemos de pintura. Ou se expõem *scientificamente* os quadros, conforme as oficinas ou escolas e segundo os tempos, de modo que se dê ao publico apreciador uma ideia generica da evolução da Arte.

Ou se expõem *artisticamente*, conforme dimensões, altura e largura e tonalidade e outras condições dos quadros expostos, de maneira que o publico recebe uma impressão agradável e já *artística* da sua metodisação e ordenação. Ora, eu entendi que não devia seguir absolutamente um ou outro dos criterios. Mas tentei aproximá-los, conciliá-los, por tal forma que eu desse ao profano o conhecimento mais ou menos nitido da evolução da Pintura, sem irritar compleições artisticas pelo desagradavel, desordenado e caótico do conjunto. E além disto, ha mais a notar...

Devem observar-se preceitos de optica. E assim desloquei quadros da grande altura em que estavam, quasi tocando o tecto, para os colocar a altura mais conveniente, não só aos olhos examinadores, mas tambem á sua conservação, já um tanto preservados de maior luz e calor.

E já que falei em conservação ou *higiene dos quadros*, deixe-me dizer-lhe que no projecto das três salas que estão a reorganizar, se determina resguardal-as por três caixas de ar cofinado, o que é o melhor e mais seguro regularizador da temperatura.

E a proposito dir-lhe-ei que é um erro supôr-se que a conservação das pinturas periga sobretudo com o excessivo calor. Este é prejudicial, não ha duvida, quando a sua desproporção com a humidade ambiente, é grande; quando se der, porém, equilibrio — equilibrio que pode procurar-se artificialmente o calor, mesmo excessivo, pouco prejudicial será.

Mas tudo isto tem de ir, infelizmente, a pouco e pouco, porque, como sabe, a dotação do Museu é ridiculissima.

E já que me referi ao assunto financeiro, deixe-me apontar-lhe como verdadeiramente benemerito o grupo «Amigos do Museu» que fundei e organizei ha cerca de um ano. A esse grupo se deve já imenso, tendo-se, com os fundos que ele fornece, adquirido três belas arcas, uma caneca de *vermeil* — arte portugueza do seculo XVI — e para esta aquisição adeantou o membro do grupo, Sr. Henrique de Mendonça, 400\$000 réis.

E a boa vontade com que todos me auxiliam, é inexgotavel, tendo encontrado o mais decidido apoio na Senhora Condessa de Carvalhido, D Aurora de Macedo e D. Fanny Munró e nos Srs. Luis Fernandes, Joaquim Sotto-Mayor, Dr. Carvalho Monteiro, Raul Lino, Dr. Xavier da Costa, etc., etc. Três desses membros, os Srs. Visconde de Santarem, Conde de Santos e Marquês da Foz, doaram já quadros de grande valôr e os Srs. Francisco Falcão e Batalha de Freitas fizeram depositos importantes e por praso indeterminado.

E' ainda por iniciativa deste grupo, que dia a dia, augmenta, que brevemente e pela primeira vez vamos ter postais e outras reproduções artisticas das melhores obras do Museu, que assim passarão, finalmente, a ser conhecidas, lá fóra, do publico que se interessa pela arte, com proveito para nós, porque a visita ao nosso primeiro museu pelos grandes amadores da Arte, ir-se-á impon-lo, a pouco e pouco.

E visto falar-lhe de frequencia, embora ela não seja o que devia ser, é, comtudo, maior do que muita gente supõe. As altas classes, salvo os amadores, não o frequentam tanto como seria para desejar, mas as classes medias e baixas visitam-no bastante. Como anteriormente á minha vinda para aqui, não havia mapa dessa frequencia, falta-me o elemento de comparação para averiguar da maior ou menor progressividade dessa frequencia. Mas atualmente e apesar do Museu só estar patente ao publico, por falta de guardas, ás quintas-feiras e domingos, essa frequencia passa normalmente de 3.000. Em um só dos ultimos domingos, excedeu 1.000, sendo tanta que foi necessario que se reforçasse a guarda habitual.

Seguindo o meu criterio de organização, de muitas salas necessito ainda.

E' necessario, pois, concluir a construção do Palacio que abriga este Museu e se tanto se necessitar e se tanto for possível, prolongar-o pelo Convento das Albertas...

Tal foi, em resumo brevissimo, a conversação larguissima e interessantissima que sustentámos numa das salas do Museu.

E a sua gentileza cativante de homem de arte convidou-me a visitar mais uma vez o Palacio das Janelas-Verdes. E eu aceitei penhorado e emocionado. Divagámos por salas em obras e ainda não expostas ao publico, parámos aqui e ali, examinámos um Dúrez, um Raphael, Nuno Gonçalves...

E despedimo-nos.

— Não faça referencias. Sublinhe e accentue sómente o ridiculo da dotação mesquinha deste Museu — e serei satisfeito! — foi a sua ultima palavra.

E retirei-me, confuso e agradecido á sua amabilidade de *gentleman* e complacencia de Mestre.

ANTÓNIO COBEIRA.

José de Figueiredo

(Director do Museu Nacional de Arte Antiga)

... la mémoire des temps passés, ...

VOLNEY — *Les Ruines ou Méditation sur les Révolutions des Empires* — Paris, 1792.

Caetano Alberto, em data recente ainda, no seu escriptorio, apontou para o retrato de José de Figueiredo e, simultaneamente, perguntou-me, se eu teria alguma duvida em acompanhar, com prosa minha, a estampa do mesmo retrato nas colunas d'esta revista.

Logo respondi, que não só nenhuma duvida me impedia, mas tambem apreciava muito semelhante lembrança, visto que se tratava de uma pessoa de merito e de trabalho.

Assim é, com effeito.

Em 1901, achava-me eu na antiga repartição da instrução primaria da Direcção Geral de Instrucção Publica, posteriormente desdobrada nas duas atuais direcções geraes, quando conheci o bacharel em direito, José de Figueiredo, despachado então 1.^o official, nascido no Porto, salvo erro, e ahi habilitado com os preparatorios que lhe abriam as portas da Universidade de Coimbra.

Já no OCCIDENTE registei o meu conceito de justo elogio ao criterioso e infatigavel autor do esplendido livro intitulado *O Pintor Nuno Gonçalves*.

Antes d'isso, na pagina 30 do meu panfleto *Excesso de Podridão*, havia-lhe citado o nome e transcrito as seguintes linhas de outro seu livro, por muitos motivos interessante, — *Portugal na Exposição de Paris*:

«... muitas e dispendiosas inutilidades que para lá se exportaram».

Estas poucas palavras, exteriorisam entretanto, com significado profundo, o caracter independente de quem as escreveu.

Esse caracter acha-se afirmado com indubitavel argumento, em serviços por ele prestados fóra do paiz, á custa do seu bolsinho.

Duas portarias de louvor, uma firmada por João Chagas e outra por Duarte Leite, ambas da pasta do Interior, assinalaram com inteira justiça os serviços a que aludo.

Teve a primeira publicidade no *Diario do Governo*, n.^o 237, de 11 d'outubro de 1911, — comissão, sem encargo algum para o tesouro, de estudo, no estrangeiro, das obras de arte, portuguezas, anteriores ao seculo XVII e de estudo simultaneo da organização e installação de alguns dos museus mais importantes, e a segunda no n.^o 195, de 20 d'agosto ultimo, — organização do «Grupo dos Amigos» do Museu Nacional de Arte Antiga.

Em abril do corrente ano, por portaria de 27, inserta no referido *Diario*, n.^o 100, foi autorizado a ir a Madrid, com permanencia de oito dias, a fim de estudar, em archivos e coleções de arte, da mesma cidade, pontos obscuros da nossa historia artistica, o conhecimento dos quaes era indispensavel apurar para a sequencia dos trabalhos de catalogação do Museu, a que é obrigado, bem como para o desempenho de outros serviços, taes como inventarios, de que se acha encarregado.

D'esta missão, cuja necessidade e importancia ele proprio demonstrara e é manifesta, se saiu brilhantemente, sem onus para o Estado.

Para dar aos leitores uma ideia do «Grupo dos Amigos» do Museu, já citado, vou transcrever os dois primeiros artigos dos respectivos estatutos, aprovados em sessão de assembleia geral, no mez d'abril d'este ano:

«Art. 1.^o — O «Grupo dos Amigos do Museu Nacional de Arte Antiga» será constituído pelos individuos que se interessam por este Museu, e tem em vista promover, por todos os meios, a divulgação, o engrandecimento e a installação modelar das suas coleções.

Art. 2.^o — Para realizar os seus intuitos, o «Grupo dos Amigos» do Museu Nacional de Arte Antiga fará ou provocará doações de obras de Arte ou pecuniarias; promoverá depositos de obras de Arte a praso determinado ou indeterminado; organizará exposições especiaes; promoverá conferencias; fará publicações destinadas a tornar conhecidas e apreciadas as coleções do Museu; procederá á aquisição do material que julgue necessario para a valorização das obras expostas ou a expôr; e, em geral, empregará todos os meios adequados á consecução dos seus fins, solicitando, sempre que assim o entenda, o auxilio do Parlamento, do Governo ou de quaesquer corporações officaes, e, designadamente, das que tenham a seu cargo assuntos de Arte e de Archeologia.»

Para a constituição d'este grupo e na elaboração d'estes estatutos, foi primacial e de verdadeiro apostolo a colaboração de José de Figueiredo.

Ribera y Rovira, illustre hespanhol que, n'esta capital, já fez ouvir a sua palavra erudita em conferencia notavel, traçou no esplendido livro *Portugal y Galicia Nación*, Barcelona, 1911, o seguinte retrato que eu, em homenagem ao distinto autor, peço venia para copiar n'este logar, com o scintilante colorido original:

«José de Figueiredo, el escrupuloso critico de arte que para mayor gloria de su país ha logrado autenticar y salvar de la ruina esas maravillas (alude Ribera y Rovira aos famosos quadros de Nuno Gonçalves) del siglo XV, reivindicando así la existencia y los esplendores de una escuela primitiva de pintura portugueza, es autor de concienzudos trabajos que revelan una erudición profunda y una orientación segurísima.

Licenciado en Derecho hará cerca de diez y ocho años, y siendo, por lo tanto, según la frase de su gran amigo y admirador Guerra Junqueiro, «como toda a gente, um bacharel formado», reveló siempre una especial inclinación por los estudios de arte. Con esa predilección, fuése á Paris, ansioso de instruirse y educarse en materias artisticas, siguiendo varios cursos libres, entre ellos los de Lefenestre, Michel y otros.

Pero tanto ó más que en esas lecciones aprendió José de Figueiredo en los museos y en los talleres de los más famosos artistas europeos, sobre todo en el de Rodin, de quien quedó amíctimo y que á su inquieto afán de aprender desvendó un ancho y luminoso camino. Acompañado de Rambosson, actual miembro del Consejo Superior de Artes Decorativas, de Francia, pasó muchas tardes en el famoso taller de Rodin, en-

tonces reducido á los barracones que el Estado le cedía en la *rue de l'Université*, oyendo al maestro disertar sobre variadíssimos problemas de arte. Y tan profundas y sugestivas eran sus palavras — nos decia ha tiempo Figueiredo — que, en esos rápidos momentos de expansão de Rodin, aprendiase mucho más que em largas peregrinações por las salas del Louvre ó en continuadas lecturas de libros, aún los más lúcidos y mejores.

Viendo, leyendo y oyendo, estudiando y trabalhando siempre, ora dentro de su país, ora em sus viajes por España, Francia, Italia, Alemania, Austria, Inglaterra, Belgica y Holanda, cimentose em sólidas bases la educación artística del actual director del Museo de Arte Antigo de Lisboa.

Y, si con Rodin y su *entourage* aproveitó muchísimo, no concurrieron menos para la instrucción é ilustración de su espíritu la obra tan vasta como admirable de aquel gran crítico que fué Sousa Viterbo, y los trabajos de Joaquim de Vasconcellos, otro maestro de la arqueología portuguesa.

Nada mais me atrevo a acrescentar de minha lavra, além d'isto:

Quem assim tem sabido conquistar o louvor dos seus nacionaes e o significativo aplauso de estrangeiros é já, em vida, uma genuina gloria da sua Patria.

D. FRANCISCO DE NORONHA.



Anfora de prata

Oferecida pela Associação Comercial de Lisboa á officialidade do «Benjamin Constant»

Dois dias antes do *Benjamin Constant* deixar o Tejo, enviou a Associação Comercial de Lisboa, ao comandante, capitão de fragata sr. Morão dos Santos e mais officiaes, a anfora de prata que reproduzimos em gravura.



Esta peça artistica, produzida nos *ateliers* dos ourives sr. Leitão & Irmão, é mais uma obra de arte de valor, como tantas outras que saem desta casa e honram a ourivesaria nacional.

Acompanhando a artistica oferta, enviou a mesma Associação um officio ao sr. Morão dos Santos, concebido nestes termos:

Lisboa, 23 de novembro de 1912. — Ex.^{ma} Sr. João Carlos Mourão dos Santos, comandante do navio-escola *Benjamin Constant*. — Proporcionam-me as circumstancias a honra de novamente ter de me dirigir a V. Ex.^a, o que para mim é tanto mais agradável quanto é certo que neste momento o faço para cumprir uma missão que me foi confiada pelo commercio da capital.

A classe que a associação da minha presiden-

cia representa, desejando prestar ao Brasil uma manifestação do profundo apreço e estima pelas inequívocas provas de consideração e amizade que ao nosso país tem sido dispensadas pela nação irmã, lembrou-se de oferecer ao navio-escola *Benjamin Constant*, de que V. Ex.^a é illustre comandante, a anfora que acompanha este officio, julgando a mesma classe ser o navio-escola do comando de V. Ex.^a logar apropriado para figurar esse padrão de amizade insignificante, no seu valor intrínseco, mas valioso pelos intuitos com que a classe comercial de Lisboa o oferece, por ser por esse navio que passa a juventude brasileira, que se destina á marinha do seu país.

Em especial a V. Ex.^a, sr. comandante, oferece o mesmo commercio a salva que também acompanha este officio, como recordação da passagem de V. Ex.^a por esta cidade e como homenagem ás afeitas qualidades de V. Ex.^a.

Fazendo votos para que se estreitem cada vez mais as amistosas relações existentes entre os dois países, aproveito o ensejo para apresentar os meus respetos a V. Ex.^a, Saude e Fraternidade, Associação Comercial de Lisboa, o presidente, (a) *Henr que de Mendonça*.

A este officio correspondeu o illustre comandante do *Benjamin Constant* com outro concebido nos seguintes amistosos termos:

«Comando do navio-escola *Benjamin Constant*, Lisboa, em 26 de novembro de 1912. — Ex.^{ma} sr. Henrique José Monteiro de Mendonça. — M. D. Presidente da Associação Comercial de Lisboa. Dobrados são os agradecimentos que, em meu nome e no da Marinha, e, portanto, da nação brasileira, que aqui represento, peço a v. ex.^a que transmita respetivamente á Associação Comercial e ao Commercio de Lisboa.

A primeira, peço a v. ex.^a que signifique que se nos gravou fortemente, para que nunca mais se apague, a impressão, ao mesmo tempo sentimental e intelectual, que nos ficou da festa que, por iniciativa da Associação que v. ex.^a dignamente preside, com tanto carinho foi dedicada, no dia 16 do corrente; ao segundo, que eu a ele me acho duplamente obrigado, já pessoalmente, já como representante da nação brasileira.

Mui feliz se me afigura a ideia de que a valiosa anfora que o commercio de Lisboa ofereceu ao povo brasileiro deve ficar, para sempre, a bordo do *Benjamin Constant*, como um pedaço de prata do solo português unido por um pedaço do solo brasileiro e com ele sujeito aos mesmos destinos que a tempestade ou a bonança lhes reservar.

O mimo, com que me honrou o commercio lisboeta, e em que um grande valor immediato não suplanta a admiração pelo genio do artista que a concebeu e executou, eu a guardarei como um penhor da minha gratidão e da sincera amizade que voto ao povo de Portugal.

Aproveito a ocasião para apresentar a v. ex.^a os protestos da minha grande estima e alta consideração. — (a) *João Carlos Mourão dos Santos*, capitão de fragata, comandante».



PELO MUNDO FÓRA

Notas d'um curioso

A Guerra nos Balkans

No dia 8, ao meio dia, os gregos entraram em Salonica, a cidade mais importante da Turquia europeia, depois de Constantinopla.

Havia sido tomada pelos turcos, no 1.^o de maio de 1430, após um cerco horrível, em que a população offereceu resistencia desesperada.

Ouçamos o que a respeito d'esta cidade diz Sam Levi, redactor do *Jornal de Salonica*:

Salonica, situada a 560 kilometros a oeste de Constantinopla, é o centro principal de toda a região da Macedonia, como cidade e como porto commercial. E' a antiga Thessalonica. Sobre a origem d'este nome ha duas versões: a primeira pretende que Philippe II (360 annos antes de Christo), filho de Amyntas, lhe deu este nome para perpetuar a batalha que ganhou contra os thessalios; a segunda versão diz que Cassandro, que recebeu o titulo de rei da Macedonia de 311 a 299 antes de Christo, chamou á capital Thessalonis, nome de sua mulher, irmã de Alexandre o Grande.

Foi em Salonica que S. Paulo pregou o Evangelho; e d'Athenas dirigiu duas longas epistolas aos thessaliosenses. Certos autores pretendem

que elle exaltou a virtude e a caridade de seus habitantes; no entanto a lenda conta que, quando S. Paulo sahio de Salonica, elle sacudiu o pó das sandalias e do vestuario, não querendo levar nada d'essa cidade.

O sultão Murad II por varias vezes pôs cerco a Salonica, sendo sempre repellido com grandes perdas. Finalmente em 1421, usando de artimanhas que eram muitas vezes suas melhores armas, conseguiu apossar-se da cidade de Thessalonica, que passou ao dominio ottomano com o nome de Salonica.

Esta cidade, banhada pelo golpho Thermaico, apresenta, á entrada, um aspecto maravilhoso. Construida em amphitheatro, estende-se pelo flanco dos picos extremos da montanha do Kolomondes (Hortiach dos turcos) e desce até ao mar. Em frente, do outro lado do golpho, está o monte Lacha (o Olympo dos antigos gregos). A esquerda, a cidade desenrola-se até Beaz-Koule, o forte Samaria dos venezianos.

Não longe de Salonica, está o rio Vardar, que tem a sua origem na Albania, na vertente oriental do Tchar-Dagh. Depois d'um percurso de 300 kilometros, o Vardar que banha a cidade de Uskub, lança-se no golpho de Salonica.

Antes de 1869, Salonica estava cercada de muralhas erigidas pelos byzantinos; as da parte ribeirinha foram depois demolidas para se construírem caes e uma rua parallela.

Uma das portas da muralha que conserva ainda o seu característico antigo é a de Yeni-Capu. As outras foram demolidas ou transformadas. Conta-se que a Porta do Ouro deve este nome á passagem das caravanas que, no tempo de Alexandre, transportavam para a cidade cargas de minério de ouro, de que ainda não se pôde descobrir o sitio da extracção.

Salonica possuía outr'ora admiráveis obras d'arte antiga. Hoje está quasi despojada de seus melhores thesouros, e difficilmente se reconhece a cidade que, segundo Beaujour, era, em 1796, no Oriente aquella onde, depois de Athenas, havia mais antiguidades. Apesar, porém, dos actos de vandalismo sem nome, Salonica conserva ainda uma serie incomparavel de egrejas byzantinas, transformadas em mesquitas.

Em primeiro logar está a egreja de S. Jorge (Hortadji-Sultan-Djami). Segundo os autores e na opinião dos archeologos, este é o monumento mais antigo de Salonica, anterior ao Christianismo, tendo servido de templo das divindades antigas. O apostolo S. Paulo pregou nesta egreja, do alto d'uma escadaria talhada num bloco de marmore circular, á semelhança d'uma cadeira. Esse marmore de raro valor archeologico, escapou de ser vendido a viajantes, devido á intervenção de Hamdi bey, conservador do museu de Constantinopla. S. Jorge é uma das mais bellas mesquitas de Salonica e de todo o Oriente.

A mesquita de Santa Sophia é tambem uma maravilha de archeologia religiosa; sob o ponto de vista artistico, é mesmo muito mais interessante que Santa Sophia de Constantinopla.

Erecta no começo do seculo setimo, conserva-se no mesmo estado. E' ornada com os magníficos specimens de mosaicos antigos. O soberbo mosaico da cupula representa a ascensão de Jesus-Christo. Este mosaico data do tempo do arcebispo Paulo, do começo do seculo oitavo. Por cima do altar vê-se outro mosaico representando a Santa Virgem sentada no throno com o menino Jesus ao collo.

A basilica de S. Demetrio (Gassimié-Djami) foi construida no seculo quarto; um violento tremor de terra destruiu-a no seculo setimo. Pouco depois de reedificada, foi presa das chammas. O rei Leão mandou-a reconstruir de 717 a 741.

Ha em Salonica uma mesquita, a de Saatli-Djami, de triste celebridade. Nella foram assassinados, por uma multidão fanatisada, e a golpes de barras de ferro, dois agentes consulares da Alemanha e da França, em 6 de maio de 1876.

Analysemos as circumstancias do triste episodio.

No dia 5 de maio de 1876, sexta feira, o comboio dos orientaes trazia da localidade de Kara-Souli uma donzella bulgara, muito formosa, de 15 para 16 annos, e que pedira para se converter ao islamismo. Mal se apeou na estação, uma centena de christãos armados raptaram-na, desaparecendo com a preza. No dia seguinte, sabbado, os mussulmanos reuniram-se na mesquita de Saatli-Djami, contigua ao palacio governamental e reclamaram energicamente a entrega da menina raptada. Harito Abbott, consul da Alemanha e Julio Moulin, consul da França, tendo entrado no palacio e desejando acalmar a efferescencia, foram tomados como refens até á entrega da donzella. Como tardasse, a multidão impaciente

lançou-se sobre os dois desgraçados consules e massacrou-os.

Para castigo d'esse assassinato, a bahia de Salonica foi occupada por algum tempo por uma grande esquadra internacional de navios de guerra.

Ha ainda muitos monumentos antigos de no tavel importancia, especialmente o *Arco do Triumpho* e a *Torre Branca*.

O *Arco do Triumpho*, erecto entre 297 e 311 da era christã, tem dimensões excepçoes. A abertura da grande arcada é de 9m,70, dimensão que não se nota em nenhum dos arcos de triumpho que a antiguidade nos legou.

A *Torre Branca* remonta aos tempos do dominio veneziano em Salonica. Tinha então o nome de forte de Samaria. A sua construção data de 1423.

Monumentos modernos, nem um existe. O palacio governamental (Konak) está muito desprezado. Salonica é uma cidade internacional. A população dominante é israelita, descendente em linha directa dos emigrados de Espanha.

Tem a mentalidade latina e as suas linhas são mais puras que as dos outros latinos: italianos, francezes, e mesmo espanhoes, porque não houve nenhum cruzamento nos israelitas espanhoes chamados Sefardim. Possuem uma lingua á parte: o castelhano do seculo quinze, ligeiramente corrompido. Ha uns vinte annos para cá o judeu espanhol desenvolve-se accentuadamente. Salonica, a Marselha do oriente, tem 160:000 habitantes, sendo 70:000 israelitas, 35:000 mussul-

manos, 30:000 gregos, 25:000 bulgaros, armenios catholicos e outros.

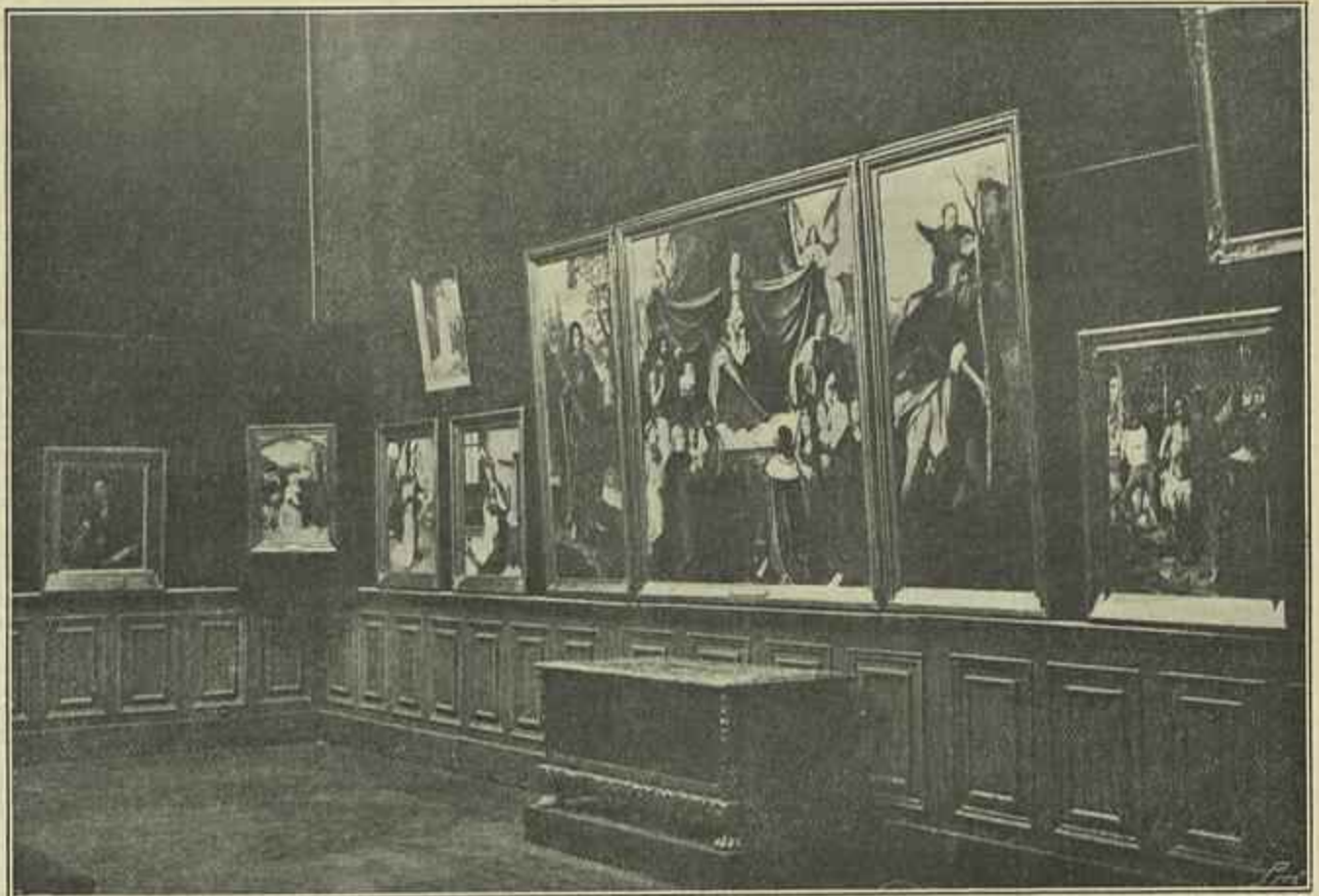
A tomada de Salonica provocou manifestações entusiasticas em Athenas. Esse pequeno povo hellenico, esmagado ha quinze annos pelo colosso turco, afirmou agora o seu extraordinario resurgimento. Emquanto os vencedores de 1897 sofreram tremenda derrota, os vencidos d'então, após uma serie de combates em que evidenciaram as suas qualidades militares, habilmente di-

rigidas pelo general francez Eydoux, realisam a sua esperanza de libertação, restabelecendo no continente essa Grecia, que foi o berço da nossa civilização.

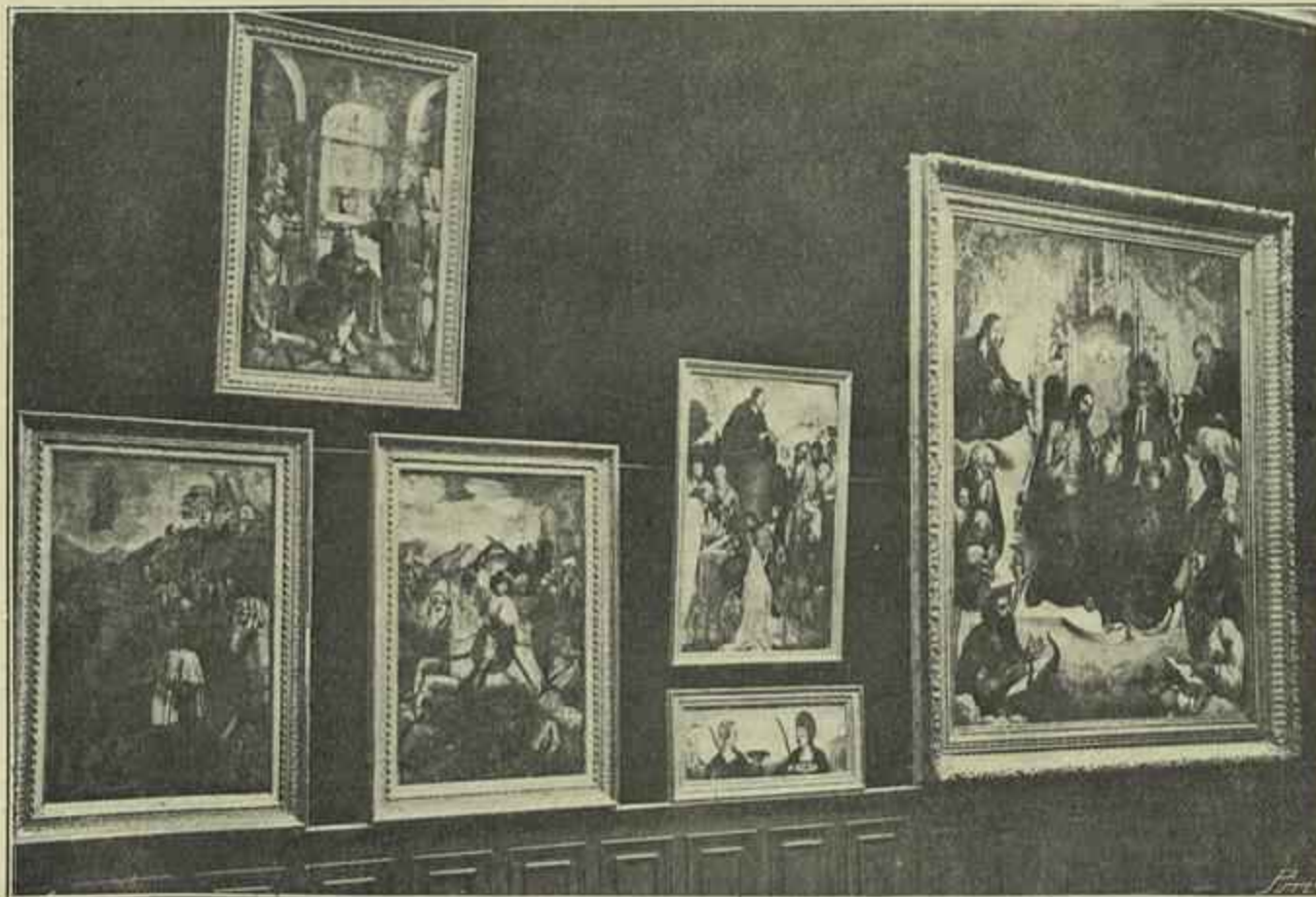
Os turcos, que innegavelmente fôram surpreendidos pela rapidez da mobilização dos exercitos colligados, não tendo tido tempo para se prepararem, ignoravam os progressos do exercito hellenico, tanto sob o ponto de vista do armamento como da instrucção militar. Venizelos sacrificou tudo para o engrandecimento do exercito, e se, como ministro da guerra, merece louvores, mais ha ainda a admirar na sua acção diplomatica, conseguindo a realização da quadrupla alliança balcanica sem despertar o inimigo nem as grandes potencias.

Ao exercito hellenico, em numero de 150:000 homens, fôram juntar-se os gregos da Australia, da America, do Cabo, de toda a parte, emfim, anciosos todos de libertar sua patria do jugo turco.

A Turquia, concentrando as suas forças nas famosas linhas de Tchaldja, a fim de defender o resto do seu grande poderio, na Europa, cobrou alento, reabilitando o seu exercito nos formidaveis combates de 17, 18 e 19, em que Nazim-pachá e os seus officiaes mostraram uma coragem sem igual. Os bulgaros dirigiam o fogo sobre os fortes a oeste de Hademkeui, auxiliados pelas metralhadoras de Kalikratia. Os turcos, auxiliados pelos cruzadores *Messudieh* e *Barbarossa*, no mar Negro e no mar de Marmara, mandaram granadas para Papas Bur-

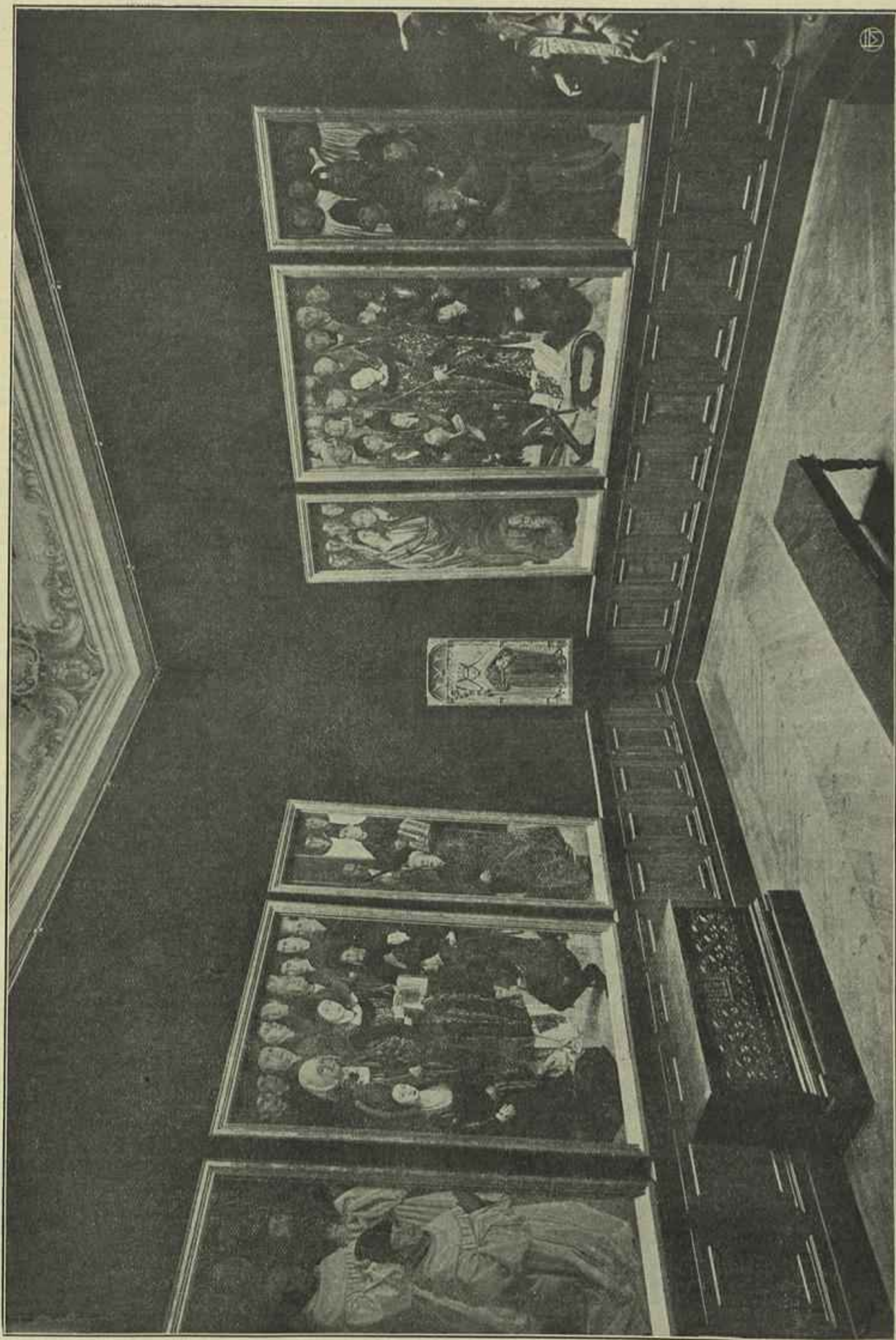


MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA — SALA G. — QUADROS PORTUGUESES E ESTRANGEIROS DO SEGULO XVII



MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA — SALA H

(Clichés A. Lima)



MUSEU NACIONAL DE ARTE ANTIGA — A SALA «NUNO GONÇALVES» (VEJA CRÔNICA OCCIDENTAL)

(Cliche Curitiba)

gas, onde estava o inimigo, que soffreu grandes perdas.

O combate do dia 18, em que Mahmud Muktar pachá foi ferido com tres ballas, representa um grande triumpho para o exercito ottomano, que assim se rehabilitou perante a Europa, achando-se em melhores condições para discutir a paz.

Nesse mesmo dia 18, o imperio turco perdia um dos seus meliores baluartes na Macedonia, com a rendição de Monastir, depois de tres dias de lucta em que o exercito servio ficou victorioso.

Monastir (turco Bitolia) é a segunda cidade da Macedonia; a sua população é de 50000 a 60000 habitantes. Tem grande movimento commercial, avaliada em 500000 libras por anno. Possui muitas mesquitas, igrejas, escolas e quartes; e, pela sua situação, constitue um centro strategico importante.

Os turcos, que tem soffrido com extraordinaria resignação a derrota do seu imperio, tiveram que luctar com mais um inimigo, a cholera, terrivel flagello que em Hademkeui fez milhares de victimas.

O drama mais pungente da guerra desenrolou-se na estreita península entre Constantinopla e Tchataldja, onde se accumularam as tropas e povo civil em numero immenso, pois que milhares e milhares de refugiados, impellidos pelos exercitos colligados, foram attingindo a capital e as visinhanças. Vinham da Thracia, de Lule-Burgas, de Tchoru, de Eski-Baba; mulheres e crianças fugiam espavoridas com os seus carros de bois e as suas trouxas, tendo o olhar fixo em Santa Sophia.

Essa magnifica mesquita, a antiga igreja christã de Bysancio, está transformada em hospital de cholericos. E, como essa, outras mesquitas (as do sultão Ahmed, Suleimanieh, Loleli) estão cheias de doentes.

Esse enorme affluxo de gente foi a causa do rapido progresso d'aquella epidemia, que o governo tratou de localizar, principiando por mandar para Derkos, donde se faz o abastecimento de agua para Constantinopla, material de desinfecção.

O correspondente do *Berliner Tageblatt*, faz uma descripção horrorosa da invasão cholericica em Hademkeui.

O exercito bulgaro parece que já foi tambem invadido pelo flagello, e, por isso, e porque a resistencia que encontrou nas linhas de Tchaldja foi além do que naturalmente esperava, não é de crer que realice a sua marcha até Constantinopla, para substituir, na cupola de Santa Sophia, o *crucifixo* pela *crux*. N'essa esperança, tão proxima da realidade, não se expediram, diz se, para a Tchaldja, os famosos cavallos do czar Fernando da Bulgaria, que haviam de figurar no sumptuoso cortejo de Constantinopla.

Contra essa entrada se levantaram grandes difficuldades diplomaticas, resultantes do problema assaz complicado da passagem dos estreitos.

Além d'isso, para que a Bulgaria alcançasse a paz duradoura, carecia d'uma guarnição permanente de pelo menos 50:000 homens em Constantinopla, sacrificio exaggerado para o povo bulgaro. Admittindo mesmo que a Europa accitasse a conquista bulgara, os turcos não se resignariam á perda de Constantinopla, e lá da Asia Menor haviam de, sem duvida, perturbar o socego do imperador Fernando...

A Inglaterra e outras nações são concordes na ideia de que se dêem a Constantinopla as condições d'uma cidade internacional, á semelhança de Tanger.

Sofia, porém, continua a nutrir ambições sobre a capital ottomana. Entretanto reclama a evacuação das linhas de Tchaldja; rendição de Adrianopla, Janina e Scutari; suspensão da remessa de tropas da Asia Menor para as fortificações de Tchaldja e retirada da esquadra do Mar Negro.

Consta que a Turquia concorda na rendição de Janina e Scutari, mas que não quer, de modo nenhum, admittir a evacuação das linhas de Tchaldja, que abriria o caminho de Constantinopla, nem a renhção de Adrianopla, cuja resistencia constitue uma esperança para a conservação do poderio turco na Europa até ao Maritza. Parece que a Alemanha aconselhou a Porta a negar-se a discutir a paz nas bases fixadas pela Bulgaria, vendo-se esta nação constrangida, parece que por influencia *Triplé-Entente*, a ceder um pouco na dureza das suas primeiras imposições.

Os *joventurcos*, que indubitavelmente foram os causadores da indisciplina militar, devida, na opinião do general francês *Zurlinden*, á *intervenção dos politicos nos assumptos militares*, or-

ganizaram um *complot* para precipitar a queda do governo de *Kiamil-pachá* e provocar medidas extremas. N'um manifesto diziam que Kiamil, o Cheik-ul-Islam, ou grande *mufi*, Djemaleddin-effendi e Gabriel-effendi-Noradunghian, ministro christão dos negocios estrangeiros, tinham vendido a nação ao estrangeiro, deixando a tropa sem pão e sem munições.

«Derrubemos os traidores eternos e teremos salvo a nação», foi o grito dos patriotas joventurcos.

A policia ottomana descobriu documentos altamente compromettedores, seguindo-se as prisões em massa, e a emigração. Os antigos ministros das finanças e da instrucção, Djavid bey e Hakki bey embarcaram clandestinamente em Constantinopla para Paris. D'entre os presos destacam-se os antigos ministros Hadji-Alil e Nedjemedin, o secretario do senado, o presidente do club joven turco, o antigo director da Imprensa Nacional ottomana e outros funcionarios de alta categoria.

Entretanto, a Austria Hungria não permite que a Servia occupe o ambicionado porto de *Durazzo*, no Adriatico, onde o exercito do rei Pedro — imitando os dez mil de Xenophonte e na ancia de attingirem uma sahida para o mar, — gritaram tambem *Thalassa! Thalassa!*

Os seus alliados montenegrinos haviam já occupado o porto albanês de S. João de Medua. Os dois exercitos unidos entraram seguidamente em Alessio, cidade que domina a vasta planicie ao norte do golpho.

Na Austria Hungria ha um partido poderoso que está impaciente por regular pelas armas a questão servia, receando não só a influencia russa junto dos servios no Adriatico, mas tambem o engrandecimento desmedido da Servia, que poderá desenvolver sentimentos separatistas entre os elementos servios da monarchia austro-hungara.

A esta questão irritante, que tem attingido periodos criticos, agravados pelos processos militares das auctoridades servias para com os consules austro-hungaros de Mitrovitza e Pristrend, prende-se a da independencia da Albania, reclamada pela Austria.

A *Triplé-Entente* oppõe-se, afirmando que a unidade ethnica é um mytho.

Os albaneses não tem nem um typo unico, nem uma lingua unica. Não formam um povo porque, como dizia ha cinco annos o sr. René Pinon, tem tres cultos — pagão, orthodoxo, musulmano — não tem lingua commum, falam dialectos diferentes, são na maior parte analfabetos, com habitos selvagens, pastores, caçadores e salteadores, condições estas que tornam muito difficil a constituição d'um povo consciente da sua unidade e o bom exito d'uma propaganda nacional.

Não é esta porém a opinião dos chefes albaneses que se reuniram em Vallona, para tratarem da organização d'um governo provisório, pedindo ás potencias que lhes garantam a sua existencia ethnica e politica ao mesmo tempo que o *statu quo* territorial do seu paiz, o que é um tanto problematico.

A verdade é que estão já indigitados varios pretendentes ao principado da Albania. Dois musulmanos: Ferid-pachá, albanês de nascimento e ex-gran-vizir ottomano, e o principe egypcio Fual, tio do Khediva, homem rico e illustrado; e um italiano, o Duque dos Abruzzos, aguardam a escolha dos albaneses e... das potencias, que são afinal quem manda nestes assumptos.

Os socialistas tem em toda a Europa, incluindo o nosso paiz, levantado vigorosa campanha contra a ameaçadora guerra europea, consequencia do litigio austro-servio. *Jaurés*, no congresso socialista de Paris, pugnando para que os conflictos sejam regulados pela arbitragem internacional, disse que se, apesar dos esforços dos socialistas, viesse a desencadear-se uma guerra, ninguem poderia impedir que o proletariado recorresse a um movimento geral d'insurreição, com o fim de arrancar o poder aos dirigentes.

A Alemanha, aproveita a occasião para mobilizar tropas muito em segredo; a Austria-Hungria faz o mesmo, mas mais desassombadamente. A Russia diz que não mobiliza e ameaça castigar os que pretenderem dizer o contrario. E' um socego de pôr os cabelos em pé.

Felizmente, as ultimas noticias veem trazer-nos alguma tranquillidade, pois dão-nos a perspectiva da paz.

Com effeito, um telegramma de Constantinopla para a *Berliner Morgen Post* diz que hoje foi assignado o armistício e que os delegados turcos e bulgaros estão negociando as condições da paz.

Fazemos votos para que a diplomacia consiga

agora harmonisar os interesses em litigio, cessando por completo esse morticinio hediondo, essa tremenda vergonha, que ninguem suppunha que havia de exhibir-se em pleno seculo vinte.

Lisboa, 27-11-012.

J. A. MACEDO DE OLIVEIRA.



Opusculos e Esparsos

Pelo 2.º Visconde de Santarem

Colligidos e coordenados por Jordão de Freitas e novamente publicados pelo 3.º Visconde de Santarem

(Concluido do numero antecedente)

Os *Opusculos e Esparsos* abrangem trinta e oito annos de trabalho literario do Visconde de Santarem, 1818 a 1855, algum pouco tempo antes da morte do seu autor.

Não comprehende todos os trabalhos do illustre sabio, é certo, mas muitos dos mais importantes, e que para conhecimento dos leitores curiosos que se interessarem por este genero de estudos, aqui vamos enumerar.

O primeiro volume contém:

Opusculos: Análise historica-numismatica de uma medalha de ouro do imperador-Honorio, do IV seculo da era cristã; Memórias cronologicas autenticas dos azeites mores da vila de Santarem, desde o principio da monarchia até o presente; Noticia dos manuscritos pertencentes ao direito publico externo diplomatico de Portugal e á historia e literatura do mesmo paiz, que existem na Bibliotheca R. de Paris, e outras da mesma capital, e nos Archivos de França; Tableau Élémentaire des relations politiques et diplomatiques du Portugal avec les différentes puissances du monde, depuis le commencement de la Monarchie Portugaise jusqu'à nos jours... Traduit en français par F. de Alvarés d'Andrada, attaché à la legation de S. M. Tres-Fidele à Paris; Manifesto de Sua Magestade Fidelissima o Senhor Dom Miguel I, Rei de Portugal e dos Algarves, e seus dominios (com traducção em francez), Lettre à M. Mielle... sur son projet de l'histoire religieuse et litteraire des ordres monastiques et militaires; Notes additionnelles... à la lettre qu'il adressa à M. le Baron Mielle le 24 avril 1835; Recherches sur Americ Vespuce et sur ses prétendues découvertes en 1501 et 1503 — Avec des Notes additionnelles; Notice sur quelques manuscrits remarquables par leurs caractères et par les ornements dont ils sont embellis, qui se trouvent en Portugal; Introduction à la Tableau Elementaire des relations politiques et diplomatiques du Portugal avec les différentes puissances du monde, depuis le commencement de la Monarchie Portugaise jusqu'à nos jours; Emmanuel, roi de Portugal; Memoire sur les connaissances scientifiques de D. Jean de Castro, aucteur de l'*Unzerarium Mariae Rubri*; précédé d'un rapport sur la nouvelle édition de sa biographie, par Frisco d'Andrade, publiée en 1835 par l'Academie Royale des Sciences de Lisbonne; De l'introduction des procédés relatifs à la fabrication des ét-fles de sois dans la peninsule hispanique sous la domination des arabes; recherches précédées d'un examen sur la question de savoir si ces procédés y étaient ou non connus avant le IX siècle de notre ere; Florida-Blanca; Vasco da Gama, comte de Vidigueira; Analyse du journal de la navigation de la flotte qui est allée à la Terre du Brésil en 1530-1532, par Pedro Lopes de Sousa, publié pour la premiere fois à Lisbonne par M. de Varsbagen; Henri-le-Navigateur. *Esparsos*: Carta aos Senhores redactores dos *Annuaire des Sciences, des Artes, e das Lettras*; Continuation des Notes additionnelles à la lettre... publiée dans le Bulletin de la Société de Géographie du mois d'octobre 1835, sur les voyages d'Americ Vespuce, de 1501 et 1501, par l'aucteur à la Société de Géographie; Idem; Albuquerque (Alphonse d.); Ferdinand (infant de Portugal) (Is de Jean I; Gil Vicente; Vespuce (Americ); Note sur la Chronique de la conquête de Guinée par Gomes Eannes de Azurara inédita du quinzième siècle; Leal Convelheiro o qual fez Dom Duarte, roy de Portugal, a requerimento da muyto excellente rainha Dona Leonor sua mulher; Barbacena (Luis Furtado de Mendonça, comte de).

O segundo volume contém:

Opusculos. Memoire sur les institutions politiques, administratives militaires et legislatives, des colonies anglaises dans les différentes parties du globe; Notice sur André Alvarez d'Almeida et sa description de la Guinée; Recherches historiques, critiques et bibliographiques sur Americ Vespuce et ses voyages; Rapport lu... à la Société Geographique sur un Memoire de M. de Silveira, reletivement à la découverte des terres du Prêto-Jean et de la Guinée par les Portugais; Rapport lu... à la Société de Géographie sur le ouvrage de M. Lopes de Lima, intitulé: *Essaio*, etc. *Essais* statistiques sur les possessions portugaises en autre-mer; Note lue à la Société de géographie... sur la véritable date des instructions données à un des premiers capitaines qui sont allés dans l'Inde, après Cabral, publiées dans les *Annales maritimes de Lisbonne*. Cahier n.º 7 de 1815;

Notice sur l'état actuel de la publication de l'Atlas; Notice sur le vie et les travaux de M. da Cunha Barbosa, secrétaire perpétuel de l'Institut historique et géographique du Brésil, et membre correspondant étranger de la Société de Géographie; Notice sur plusieurs monuments géographiques inédits du moyen-âge et du XVI^e siècle que se trouvent dans quelques bibliothèques de l'Italie, accompagnée de notes critiques; Mémoire sur la question de savoir à quelle époque l'Amérique Méridionale a cessé d'être représentée dans les cartes géographiques comme une île d'une grande étendue; Examen des assertions contenues dans un opuscule intitulé: Sur la publication des monuments de la géographie, publié au mois d'août 1847; Note sur la publication de l'Atlas composé de mappemondes et de portulans et d'autres monuments géographiques, depuis le VI^e siècle de notre ère jusqu'au XVIII^e; démonstration des droits que tem a coroa de Portugal sobre os territórios situados na costa occidental d'África entre o 5.^o grau e 12 minutos e o 8.^o de latitude meridional e por consequente os territórios de Melombo, Cabinda e Anbriz. ESPANHAS. Jean VI (Marie Joseph-Louis) roi de Portugal; Introduction à Chronica de Azurara; Iberia (Iberia); Jean (João), roi de Portugal; Lisbonne (en portugais Lisbon), capitale du royaume de Portugal; Magellan ou ploutôt Magalhaens (Ferdinand de); Introduction au *Leal Conselheiro*, o qual fez Dom Duarte; Portulan; Memoria sobre o estabelecimento dos portuguezes em Macau na China; Memoria (Tradução da) lida... na sessão da Sociedade Geographica de Paris, de 7 de março de 1845. — Parte 1.^a: Continuação (Fragmentos inéditos do Tomo 2.^o das *Recherches sur la priorité des découvertes*); Conclusão (idem); Adições feitas... à Memoria que leu na Sociedade Geographica de Paris; Adições à Memoria lida... na Sociedade Geographica em 7 de março de 1845; Continuação; Note sur le mappemonde du cosmographe Fra-Mauro; Observations sur la déconvent d'un 1.^o e dans l'Afrique, au sud de l'équateur. ADDENDUMS. Suite des notes additionnelles à la lettre... publiée dans le Bulletin de la Société de Géographie du mois d'octobre 1835, sur les voyages d'Amérique Vespucce, de 1501 à 1503, laes par l'auteur à la Société de Géographie; Índice da obra *Recherches historiques, critiques et bibliographiques sur Amérique Vespucce*, com a paginação referida à presente reedição.

Copiosíssimos elementos de estudo oferecem estes *Opusculos e Esparsos* cuidadosamente reunidos e dados á estampa pelo atual sr. Visconde de Santarem, em edição dispendiosa, honrando não só o trabalho de seu illustre antepassado, mas ainda honrando a pátria, no empenho de vulgarisar estes valiosos estudos historicos por seus concidadãos e estabelecimentos de instrução do país e do estrangeiro, fazendo larga tiragem desta obra, que tem distribuído gratuitamente.

Tal procedimento é de um verdadeiro patriota e digno do maior louvor.

C. A.

PELOS TEATROS

República

Sua Filha, de Duquesnel e André Barde, tradução de Cunha e Costa.

O teatro moderno consubstanciando as ideias da época, nos limites da expansão das ideias novas e de uma moral velha que tem princípios imutáveis, oferece-nos por vezes scenas pouco edificantes que, contudo, só são deliquescentes quando se nos deparam afastadas de um ideal tão em que haja uma concepção da Vida consentanea com a ética e não seja baseado num pessimismo grosseiro que o torne inatingível, na realidade.

O caracter moral de uma obra não se encontra propriamente na natureza do assunto versado mas na parcela de ideal que possui o seu autor.

Poderia exemplificar com as obras de Bernstein, que apesar da impressão de arte que delas se colhe, de modo algum podem satisfazer um espirito requintado e menos exclusivista. As suas personagens são da pior espécie, criaturas sem moral, sem dignidade, sem amor. Não ha ali o contraste que tantos outros empregam quando pretendem reproduzir a luta entre o bem e o mal.

Ha o mal apenas. E' parcialmente, talvez quasi totalmente a realidade. Reina Sua Magestade o Dinheiro: o amor depende d'ele. E al temos o jogo na *Rafale*, Bréchart sacrificando a fortuna em *Samsão*, o roubo no *Ladrão*, a ignominia no *Après moi*. Nada. A luta intima, acerba, não existe.

Entre o crime e a honra a resolução está tomada de antemão.

E' evidente que dêste espectáculo só pôde tirar

uma ilação benéfica quem tiver para seu uso uma moral sã e o hábito de raciocinar livremente.

Eu vim falar de Bernstein unicamente com o intuito de fazer resaltar a importância que tem para a humanidade, para as relações entre os homens, essa parte de ideal na obra dramática, que por excelência é a síntese do estado social de uma época e de um povo e que ao mesmo tempo possui a propriedade de influenciar nos costumes quando está submetida ao domínio de um génio, producto social determinativo de um novo estado de coisas ou de ideias.

E já que fiz citações poderei concluir apresentando dois tipos característicos da literatura scandinava que bem podem comprovar o que acima digo: Ibsem, anatematisando a sociedade, pessimista, encontra para a reabilitação da humanidade a forma mais pura do ideal: o amor. O Peer Gynt, por exemplo, Strindberg, o sombrio suéco, o misógino brutal, em cuja obra nociva e bela se encontra habilmente disfarçado um idealismo passivo—permitta-se me a expressão—não obteve do consenso da humanidade essa classificação que dá a certas obras um outro valor mais alto que o literário.

Sua filha coloca nos em frente de degenerescências sociais, de caracteres desclassificados. E' um excelente estudo da vida de uma alta sociedade que em toda a parte é a mesma e em que o grau de perversão varia com a intensidade de vida do meio.

Os costumes e processos politicos, a baixaza a que obriga o desejo de alcançar proeminências, a intriga, a hipocrisia, o cinismo, tudo ali apparece. São criaturas anormaes as suas personagens; os seus actos são identicamente anormaes.

Repugnam nos e, no entanto, somos forçados a viver no meio delas. A nossa felicidade, a nossa quietação servem-lhes às vezes de juguete.

Essas criaturas existem pois.

Fazê-las apparecer no teatro pôde constituir um perigo se não vierem doseadas dessa parte de ideal que eu quero que haja no espirito do autor, isto é, acompanhadas de um sentimento humano qualquer que pôde ser o amor ou a piedade, o ódio ou a vingança, um exaltando o bem, outro causando repulsão pelo mal.

São três as personagens principais de *Sua filha*.

O Marquês de Croix Fontaine, um tarado, um alcoolico, um desclassificado que depois de ter arruinado a sua casa se vê cair na baixa miséria.

A Marquês, uma aventureira que tinha tido relações com um lord inglês de quem teve uma filha. O lord afastou se e passado tempo com a sua morte legou-lhe dois milhões e dez á filha.

Ambiciosa quiz entrar na alta sociedade. Por intermédio de um amigo, um juiz, casou se com o Marquês que estava na miséria.

O seu salão passou a ser o centro da alta politica e o Marquês depois de ter gasto muito, ficou reduzido a uma pensão que gozava no seu castello senhorial, onde vivia afastado de todos.

Raimunda de Croix Fontaine, a filha da Marquês e do lord, que no acto do casamento com o Marquês tinha sido legitimada, foi educada em Inglaterra, na completa ausência de sua mãe.

A educação britânica, que nem sempre se amolda ao temperamento dos estrangeiros, fez dela uma criatura de principios rigidos, sim, mas sem a individualidade que lhe teria dado uma educação mais conforme ao seu instinto de raça.

Terminada a educação em Inglaterra, Raimunda voltou para junto de sua mãe, de quem moralmente continuava a viver afastada. Raimunda amava um rapaz, filho de um industrial francês, que tinha conhecido em Londres.

Faziam projectos de futuro, enquanto a Marquês verificava que da sua fortuna propria e da de sua filha restavam apenas cinco milhões. A situação era grave porque ella bem percebia que sua filha lhe era indifferente e que logo que fosse maior lhe podia exigir contas que não poderia prestar honrosamente.

Havia um recurso que a Marquês com a sua argucia diplomática se apressou logo a encontrar: casá-la com alguém que não fizesse questão de dote e que se comprometteria a achar excelente o que quer que lhe fosse parar ás mãos. Raimunda era em demasia voluntariosa e senhora da sua pessoa para que accitasse tal situação.

Concerta-se secretamente o casamento por intermédio do juiz, criatura de poucos escrúpulos.

O primeiro pretendente, aquêle que ella amava, é repudiado.

Desesperada, vai procurar o Marquês, que julga ser seu pae, como a lei o afirma.

O Marquês na sua casa solarenga leva uma existência de crápula, entre mulheres, vinho e jôgo.

A aparição de Raimunda contando-lhe ingénuaamente a história dos seus amôres e a perseguição da Marquês, consegue comovê-lo.

Eis aqui o traço que dá o desenlace da peça e do qual depende o seu valor moral.

O tarado, o alcoolico, possui ainda um resto de sentimento.

O que lhe faz vibrar é a narração singela dos amôres de uma criança, as illusões da vida, os sonhos cor de rosa a confiança, a graça, a tristeza, mixto de risos e lágrimas, daquela pequena alma de mulher que se abriu ainda ha pouco para receber os primeiros raios de sol na aurora da vida.

Ha, pois, na Vida alguma coisa de puro, de santo, de sublime e não só o vicio, a crápula, a miséria social. Alguma coisa em que uma alma crente se possa enlevar quando as contingências da vida a não arrastem para o desalento.

Felizes daquêles que souberem encontrar o caminho recto, do devêr, do amor e da justiça, porque êsses atingiram a suprema felicidade.

Aqui foi o vicioso, o tarado que se deixou sensibilar; uma scena degradante não lhe teria dado esse momento de alegria, não teria operado a transformação.

Raimunda incarna em si o Amor—o supremo Bem.

O Marquês protegeu os amôres da filha do lord, aquella que tinha reconhecido como sua filha. A Lei era a seu favor. Ele era o Pae: ella sua filha.

Não são simpáticas as personagens da peça, nem mesmo a filha com a sua educação britânica e a sua indifferença pela mãe.

Contudo a peça encerra um alto conceito de moral. E' um perfeito estudo de caracteres em que se encontra uma certa beleza grandiosa precisamente pelo contraste ocasionado pela baixaza das personagens.

A peça tem quatro actos dos quais dois são de apresentação o que torna um pouco demorado o desenvolvimento da acção que se começa a accentuar apenas no terceiro acto. Este e o ultimo são verdadeiramente magistraes.

A tradução nada perderia em ser mais esmerada.

O desempenho tambem não foi cabal á parte excepções entre as quais se pôde justamente extramar o trabalho de Ferreira da Silva e Emilia de Oliveira respectivamente nos papeis de Marquês e Marquês de Croix Fontaine.

A. DE MELLO E NIZA.

NECROLOGIA

Antonio Alberto Nunes

E' com profunda magua que nesta secção temos a registar a morte de um grande artista e professor, Antonio Alberto Nunes, occorrida em 17 do corrente.

Muita vez o OCCIDENTE abrihantou as suas illustrações com a reprodução de obras deste talentoso escultor, taes como *Lirismo da Poesia*, *Ultimos momentos de D. Pedro V*, *Busto do Marechal Saldanha*, *A Instrução*, projecto de tumulo para Camões, *Bernardín Ribeiro*, *O genio da Independência*, estatua para o monumento dos Restauradores, obra que só por si vale a reputação de um escultor.

Antonio Alberto Nunes, nasceu em Lisboa, na freguezia de Alcantara, por 1838, filho de João Paulo Nunes e de D. Escolastica Maria Freire.

Dedicou se á grande arte já entrado em anos, pois tendo cursado a Academia de Belas-Artes, de Lisboa e seguindo a arte de entalhador, em que produziu trabalhos de valor, que se encontram no palacio da Ajuda



ANTONIO ALBERTO NUNES

e para o rei D. Fernando, só em 1866 principiou a cultivar a estatuaría com o escultor Calmels, no seu atelier. Fôram rapidos os seus progressos, de modo que na exposição da Sociedade Promotora de Belas Artes em Portugal, de 1868, obtinha o premio de medalha de prata com o seu primeiro estudo *Amor da Patria*.

A falecida duquesa de Palmela interessou-se pelo novo escultor e subsidiou-o para ir completar em Paris a sua educação artistica.

Partindo para aquele grande centro da Arte, em 1870, ali foi encontrar a guerra franco-aleman com todas as perturbações que ela trouxe á vida de Paris. Entretanto Alberto Nunes conseguiu estudar no atelier do escultor Eugenio Guillaume que o recebeu e tratou paternalmente.

Voltando a Lisboa, em 1873, obteve novos premios de medalhas nas exposições da citada Sociedade e em Madrid, numa Exposição Nacional de Belas-Artes realisada em 1871.

Entrando no concurso para o monumento ao Duque da Terceira, foi-lhe conferido o segundo premio de 400\$000 réis.

Nomeado academico de merito, em conferencia de 19 de abril de 1874, foi-lhe confiada interinamente a regencia da cadeira de desenho do segundo e terceiro anos do curso geral, que desempenhou até 1881, sendo, nesse ano, por decreto de 22 de março, nomeado professor da quarta cadeira auxiliar de escultura decorativa.

Alberto Nunes sofria ha muitos anos de doença que o foi minando e o obrigava a uma vida extremamente sobria e recolhida e, só assim poude chegar aos 74 anos de idade.

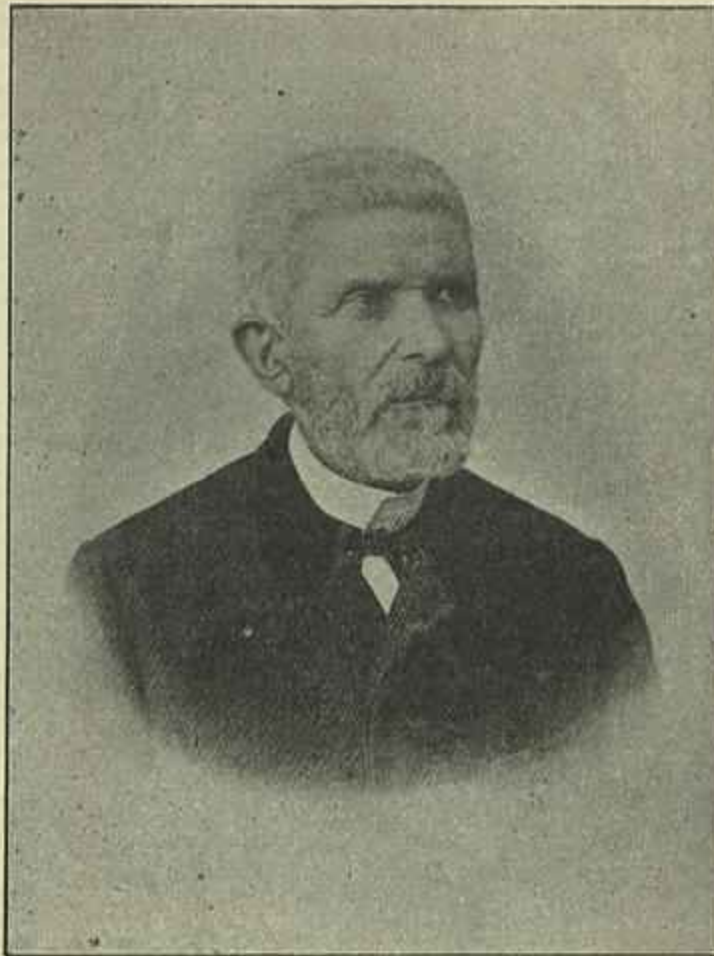
A Arte portugueza perdeu um dos seus cultores mais talentosos, e que deixa obras de alto valor, como as que ficaram mencionadas.

Nós sentimos a perda de um amigo e de um dos mais distintos colaboradores do OCCIDENTE.

Conselheiro José Ferreira da Cunha

Nem de todos se poderá dizer o que aos bicos da pena nos acode, escrevendo de José Ferreira da Cunha. A sua biografia sintetisa-se nestas breves palavras: uma longa vida bem aproveitada no serviço do seu país, sob um caracter da tempera de antes quebrar do que torcer.

Morreu o conselheiro José Ferreira da Cunha, em Aveiro, no dia 19 do corrente, tendo nascido em Ilhavo a 5 de abril de 1813. Uma existencia de quasi um seculo, que não foi indifferente á causa publica que ele serviu, se póde dizer, oitenta e dois anos, pois cedo entrou na vida activa, sabendo-se que em 1829, estando para encetar os estudos na Universidade de Coimbra, teve que desistir, por causa dos acontecimentos politicos que se precepitaram, e em que se encontrou



CONSELHEIRO JOSÉ FERREIRA DA CUNHA

envolvido, como seu pae, que viu encarcerado durante anos e cuja liberdade não quiz comprar a troco da infamia de denunciar o paradeiro de outros refugiados politicos aos quaes esperava o cadafalso.

Logo na sua pouca idade revelou a tempera de seu caracter, que mais tarde confirmou em muitos actos da sua vida.

Em 1840 entrou para o serviço publico como 1.º official do governo civil de Aveiro, cargo que desempenhou com tanto zelo e intelligencia, que lhe valeu ser distinguido com o habito de Cristo. Em 1846 servia o lugar de secretario geral, quando a revolução o prendeu a ele e ao governador civil, Antonio José Vieira Santa Rita, mandando-os para Coimbra.

Nesta contingencia José Ferreira da Cunha mais uma vez affirmou seu caracter, pois que tendo sido avisado de que ia ser preso ele e o governador civil, foi prevenir este, que de resto tambem tinha tido a mesma prevençao, o qual lhe disse: «Se quer fuja; eu fico no meu posto aguardando os acontecimentos.»

«— Pois eu faço o mesmo», respondeu Ferreira da Cunha.

Não carecem de comentarios actos desta natureza.

Demitido pela junta governativa, foi reintegrado em 10 de janeiro de 1847 pelo governo central. Nomeado secretario geral em 1858, neste lugar se conservou até 1866, em que intrigas politicas contra ele movidas, levaram o governo a transferir o para Faro. Essas intrigas, porém, só serviram para melhor se reconhecer o valor do honrado e intelligente funcionario. De facto, em 4 de junho de 1868 era despachado governador civil de Viseu. Deste distrito passou sucessivamente para Leiria, Coimbra, volta a Viseu e passa ainda para Santarem, Portalegre e Faro.

Em todos estes governos o illustre magistrado manteve-se sempre á altura do seu cargo, mas onde a sua acção se affirmou de forma mais notavel, foi em Santarem.

Pinho Leal, que no seu *Portugal antigo e moderno*, não era prodigo de elogios para os liberaes, teceu os a Ferreira da Cunha fazendo inteira justiça ao honrado magistrado.

Além do grande impulso que, sob a sua administração, deu ás obras do distrito, a ele deve Santarem o Museu, a que Zeferino Brandão, no seu livro, *Monumentos e lendas de Santarem*, faz elogiosas referencias.

Aposentando-se em 1879, o sr. conselheiro José Ferreira da Cunha voltou para Aveiro, que foi como que a sua terra natal; ali não deixou de prestar o seu valioso concurso á causa publica desempenhando por vezes o lugar de governador civil substituto, 1.º substituto do juiz de direito, provedor da Misericordia, presidente da direcção da Caixa economica, etc.

Ferreira da Cunha era tambem versado nas letras e bibliofilo. O rei D. Luis correspondia-se com ele e ofereceu-lhe suas obras com dedicatórias firmadas por seu punho.

O sr. conselheiro José Ferreira da Cunha era pae do sr. dr. Alexandre Ferreira da Cunha, professor do liceu de Aveiro, a quem enviamos nossas condolencias.

C. A.

Lições praticas da Língua Francaza

Nova edição, correcta

Um volume de 332 paginas

Em brochura 500 réis; encadernado 620 réis

Recommenda-se esta obra aos que desejem aprender Francaz, sem auxilio de professor, facilmente, e com pouco esforço.

Pedidos, pelo correio, á administração da «Mala da Europa» Lisboa, caixa postal n.º 4

Almanaque Illustrado do «Occidente» PARA 1913

Está publicado e á venda em Lisboa e no Porto 100 réis, nas outras terras 120 réis

CACAU, CAKULA E CHOCOLATE INIGUEZ

Vende-se em toda a parte

BOMBONS E NOUGAT DA FABRICA INIGUEZ

Kilo 1:500 réis

Os bombons da fabrica Iniguez levam a marca

Exigir pois esta marca

em todos os estabelecimentos



CHOCOLATE — CAKULA

Novo producto reconstituente e valioso alimento adaptado a todos os organismos, como se prova com a analyse de garantia

Pacote de 500 grammas, 600 réis



A. COUTO ALFAYATE

Premiado na Exposição de Paris de 1900

Telephone 1615



Novas installações d'este atelier que está montado com todos os requisitos modernos e sortido com as ULTIMAS novidades de PARIS e LONDRES. Trajes de rigor, forrados a seda em casaca, sobrecasaca e smoking desde 30\$000 réis. Fatos dos melhores tecidos nacionaes desde 13\$500 réis e dos melhores tecidos inglezes desde 22\$000 réis. Ha sobretudos feitos.

Rua do Loreto — Entrada pela Rua da Emenda, 118, 1.º — LISBOA

CONTRA A TOSSE

MARQUE PEITORAL JAMES

Unico especifico contra tosses e bronchites legalmente auctorizado pelo Conselho de Saúde Publica, ensaiado e approved nos hospitaes. Premiado com *Medalhas d'Ouro* em todas as exposições a que tem concorrido. Cada frasco está acompanhado de um impresso com as observações dos principaes medicos de Lisboa, reconhecidas pelo consul do Brazil. A' venda nas pharmacias. Pedro Franco & C., Lisboa.

Farinha Peitoral Ferruginosa

de Pedro Augusto Franco

Producto alimenticio que se applica em caldos peitoraes, com feliz exito. E' de todos os preparados farinaceos o mais effizaz por conter substancias organicas e inorganicas que são de facil assimillação aos estomagos fracos e ainda os mais debéis. Pedidos á

Pharmacia Franco, Filhos

139, Belem, 149 — LISBOA

Cada pacote de 250 grammas. 200 réis

Cada lata " " " " 240 " "

A' venda em todas as pharmacias